

DELFIM E CAMPOS DIZEM QUE DITADURA NÃO FOI TÃO RUIM

Correio — *Como é que dois homens tão inteligentes, de uma erudição fantástica, conviveram com a ditadura militar? Foi por conveniência, ou seja, como eram moços, tinham idéias, aquela era a maneira de participar politicamente, ou foi uma questão de convicção? Ou seja, só com um regime fechado era possível fazer as reformas que o país precisava?*

Campos — Bom, eu diria que foi o resultado da análise de alternativas. O que havia era uma democracia fantasiada de democracia que iria levar à tirania, ao autoritarismo de esquerda. Eu pelo menos senti necessidade de um elemento disciplinador, de um autoritarismo de transição. E a ideologia militar, de início, tal como expressa por Castello (*Humberto de Alencar Castello Branco, primeiro presidente do período militar*), era meramente um autoritarismo de transição. Castello insistia muito na diferença entre missionário e funcionário. As Forças Armadas são missionárias para impedir que o país se radicalize no sentido da esquerda, mas não são funcionárias do poder. Por isso (Castello) queria logo um sucessor civil. De modo que eu me sentia razoavelmente confortável com Castello Branco. Ele tinha convicções profundamente democráticas, questionadas pela linha dura. Foi dos governos mais divididos que eu conheci. Porque a linha dura queria a implantação de uma ditadura mesmo, pura e simples. Queria o fechamento do Congresso, do Judiciário, e o Castello resistiu tanto ao fechamento do Congresso quanto do Judiciário, procurando manter as instituições democráticas formais, na esperança de poder passar o poder aos civis. Mas foi frustrado porque o Costa e Silva (*Arthur da Costa e Silva, segundo do período militar*) se lançou candidato e depois a situação internacional passou a militar também contra a democratização. Em

1968 foi a época em que quase que De Gaulle teve que sair. Foi uma época de conturbação mundial.

Delfim — Eu diria mais: na área econômica nunca houve uma intervenção. Na área econômica, realmente, desde o início se preservou o setor privado. Agora, uma das coisas que eu acho importante e que às vezes as pessoas não percebem é que desde o início você tinha convicção que se precisava de um setor privado forte para poder ter um sistema político aberto. Você precisa de uma economia de mercado para poder ter um sistema político aberto. De forma que o que o Roberto falou me parece claro. Na área econômica a interferência militar, na minha experiência, foi nula.

Campos — A dificuldade analítica das esquerdas brasileiras é porque eles têm verdadeira paixão por opções inexistentes. Alternativas falsas. Do ponto de vista do esquerdista brasileiro, havia uma opção na América Latina entre democracia liberal e social. E não existia nada disso. A opção na América Latina era entre dois autoritarismos, autoritarismo de direita ou autoritarismo de esquerda. O autoritarismo de direita tem um certo número de vantagens. Primeiro, é envergonhado, porque insiste em dizer que o objetivo final é a democracia. Usa do instrumento autoritário apenas na transição para que a sociedade não se desagregue. É biodegradável. Poucas ditaduras de direita duram muito tempo. O autoritarismo de esquerda é antide-mocrático por essência, por dizer que o objetivo é a ditadura do proletariado. É a ditadura de uma classe. Quando eu via o Genoíno (*José Genoíno, deputado do PT-SP e ex-guerilheiro*) defender a democracia, eu pensava: "Mas esses cidadãos que passaram a vida toda pregando a ditadura do proletariado, subitamente querem ser mestres de democracia". Veja essa campanha agora contra o Pinochet. Imaginar que no Chile havia a opção entre um Allende (*Salvador Allende, presidente do Chile derrubado pelo general Augusto Pinochet, em 1973*) exercitando uma



Reunião ministerial de Medici: Delfim mantém o comando da política econômica e consagra-se com o "milagre brasileiro" — taxas de crescimento do PIB de 11%

LINHA DURA

democracia social e Pinochet autoritário de direita era uma ilusão. Allende estava se radicalizando rapidamente. Começou com uma reforma agrária confiscatória, estava marchando para o confisco de propriedades, sérias limitações à vida empresarial, hiperinflação de mil por cento. O Chile estava no caminho da radicalização marxista. Quando há uma radicalização marxista não morrem duas mil pessoas e mil desaparecem. Aí a coisa é de dezenas de milhares, centenas de milhares, milhões. Fidel, por exemplo, que é recebido com honras de chefe de Estado, fuzilou 17 mil, entre fugitivos e desaparecidos, um grande alimentador de tubarões. Aliás, as

Correio — *Na Argentina desapareceram 30 mil.*

Campos — Na Argentina foi bem mais violento, mas não é contra os argentinos que estão fazendo essa campanha. É contra Pinochet, que tem sobre Fidel Castro várias prioridades. Primeiro, matou e exilou menos gente; segundo, deixou uma economia saudável, Fidel arruinou a economia; terceiro, (Pinochet) não tentou exportar a revolução. Portanto não matou gente em outros países, Fidel matou gente em outros países. Pinochet não matou gente na África, Fidel matou gente na África. Pinochet aceitou o resultado de um plebiscito com a sua saída, aceitando portanto a democratização do país. E, no entanto, você tem uma campanha maciça contra o Pinochet. Diabolização num caso, angelização no outro. É um troço insuportável. E o **Correio Braziliense** faz um troço mais repugnante que se possa imaginar. Se botasse Fidel Castro e Pinochet, sei lá o quê, na mesma página, três retratos, mas dar ênfase aos crimes de Pinochet! Que crimes cometia Allende? Não é diferente, não. Toda ideologia marxista é uma ideologia de violência. Por que? Se baseia nos postulado de que o poder político iluminado pode reformar o homem segundo os dogmas de um partido político. Se você quer reformar o homem segundo os dogmas de um partido você vai machucar o homem. É claro.



Aliados no Cone Sul: Pinochet encontra Geisel depois do golpe no Chile